

Senadores exigem projeto para o Nordeste em troca de apoio a FHC

Serado

O apoio fechado da bancada nordestina do Senado ao Governo passa por um projeto para a região, com pretensões de mudar até mesmo o perfil da Esplanada dos Ministérios. O plano, que está sendo preparado por um grupo de senadores notáveis e tem título provisório de "Projeto Nordeste", é ambicioso, com metas para os próximos dez anos e propostas de mudanças institucionais. "Nossa idéia é ter uma espécie de Nordeste S/A, coordenando as ações do plano estratégico para a região", resumiu o senador José Agripino Maia (PFL-RN), um dos escalados para entregar o documento ao presidente Fernando Henrique Cardoso na próxima semana.

O movimento reúne nomes como o do ex-ministro do Planejamento Beni Veras (PSDB-CE) e dos ex-governadores da Bahia, Antônio Carlos Magalhães (PFL), do Piauí, Freitas Neto (PFL) e da Paraíba, Ronaldo Cunha Lima (PMDB), entre outros. Na última terça-feira, eles conquistaram o apoio do presidente em exercício, Marco Maciel, durante almoço no Palácio do Jaburu. A bancada nordestina soma um terço do Senado: são 27 senadores preciosos ao Governo em qualquer tempo, especialmente quando há crise de relacionamento com o Palácio do Planalto e pautas polêmicas como a prorrogação do Fundo Social de



Veras: "Impaciência" dos senadores poderá dificultar votações

Emergência.

Impaciência — "Há uma impaciência entre os senadores que pode se traduzir em problema na hora da votação", alertou Beni Veras. "Ninguém se conforma quando vê a federação se esvair", completou, lembrando que o Nordeste foi esquecido pelo Governo. "Há problemas na base de sustentação do Planalto no Senado", constatou o senador José Agripino. "E será bem mais fácil rearticular esta base em torno de um plano concreto de

ação", aconselhou.

"As perspectivas são ruins para o Planalto", emendou o senador Cunha Lima, um dos que resistem à aprovação do Fundo Social de Emergência. "Nosso movimento é suprapartidário e é para valer", completou. Na avaliação de Cunha Lima, o mesmo Senado que durante os últimos governos acomodou-se como "casa homologatória", faz agora uma revisão de seu papel político, exercitando a crítica e a contestação. "Se o Presidente não to-

mar cuidado, o Senado será um problema cada vez maior", alertou Agripino.

O senador Beni Veras (PSDB-CE) passou o último ano coletando dados e estudando alternativas de desenvolvimento para o Nordeste, e não tem dúvidas: "O Governo precisa adequar os órgãos de desenvolvimento regional, porque a Sudene (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste) e o Denocs (Departamento Nacional de Obras contra a Seca) envelheceram".

Conselho — A idéia é ter um Conselho de Desenvolvimento do Nordeste substituindo o atual Conselho Deliberativo da Sudene. A nova estrutura coordenaria os investimentos de capitais públicos, privados nacionais e internacionais e também dos bancos de desenvolvimento, de olho nos trunfos da economia nordestina e na integração da região.

"Um governo social-democrata não pode esquecer de que 52% dos pobres do Brasil está no Nordeste", disse o senador Beni Veras, para destacar em seguida: "Nossa região só representa 8,5% das despesas da União, enquanto a participação do Sudeste é de 53,6%". "Não somos um peso para o Brasil", disse Beni. "Vamos desafiar o Presidente a pôr em prática o discurso social-democrata", acrescentou José Agripino.